

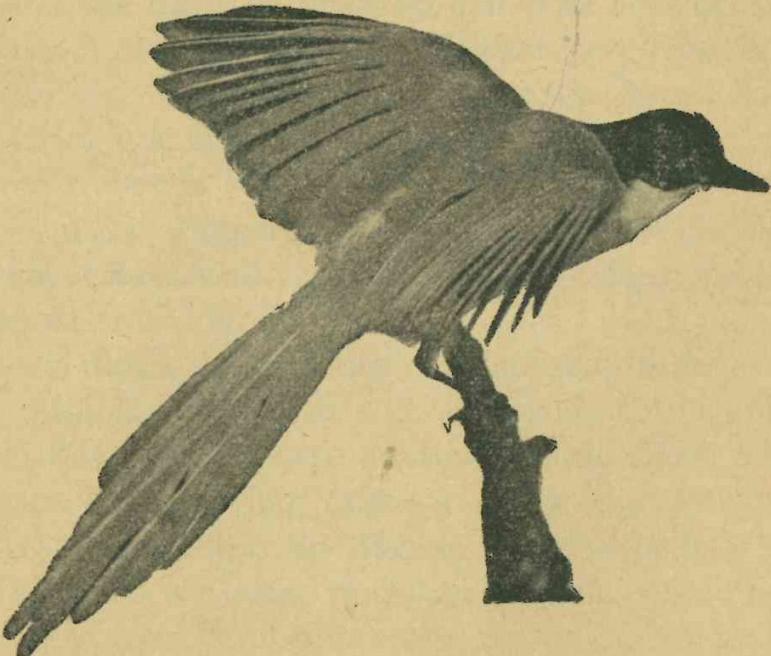
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ORNITOLOGIA

NA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO

OS NAVIOS EM NAVEGAÇÃO NOS MARES AUXILIARES PRESTIMOSOS DAS AVES MIGRADORAS

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

*Prof. de Zool. da Faculdade de Ciências da Universidade
do Porto, em comissão de serviço na Univ. de Luanda,
e Presidente da Soc. Portuguesa de Ornitolologia.*



Empresa Industrial Gráfica do Porto, Lda
Praça da República, 57
P O R T O



3)
98.2(04)
AN

Extracto do fascículo 2.º do volume I
de
C Y A N O P I C A
Boletim da Sociedade Portuguesa
de Ornitologia
1970

OS NAVIOS EM NAVEGAÇÃO NOS MARES AUXILIARES PRESTIMOSOS DAS AVES MIGRADORAS

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. de Zool. da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, em comissão de serviço na Univ. de Luanda, e Presidente da Soc. Portuguesa de Ornitologia.

As aves migradoras, fugindo ao frio, à fome e à seca, fazem viagens enormes em busca de novo habitat.

Muitas aves europeias, nas migrações outonais, sobrevoam o Mediterrâneo e vão para a África, onde fazem os seus quartéis de inverno.

Neste caso o voo sobre as águas do mar pode ser curto, como sucede na travessia do estreito de Gibraltar, ou relativamente curto, como por ex.: na rota migratória que vai do sul da Itália ao norte de África que lhe fica fronteiro.

Esta última travessia, que as codornizes fazem num só voo, praticamente é nada comparada com as migrações de algumas aves da família *Charadridae*, tais como borrelhos, maçaricos, fuselas, tarambolas ou douradinhas.

Uma destas últimas aves, uma douradinha, «pluvier doré» dos franceses, originária do Alaska e da península de Tchoukotsk, vai hibernar na ilha Hawai. Entre o Alaska e estas ilhas, perdidas em pleno oceano Pacífico, não existe a menor porção de terra.

Por isso, as douradinhas do Alaska, que não podem pousar na água, sob pena de não mais poderem levantar voo, e morrem afogadas, percorrem num único voo, em média em 22 horas, os 3000 Km que vão do Alaska às ilhas Hawai (¹).

(¹) — Igor Akimouchkine, Où et comment, Editions MIR, Moscou, 1968, pág. 51

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 54890

Barcelos



Os *Phylloscopus*, Silvídeos de pequenino porte, fazem também grandes viagens migratórias.

Uma destas aves o minúsculo *Phylloscopus borealis*, que vive na estepe siberiana, vai hibernar na Indonésia⁽¹⁾. A distância que tem de percorrer entre a Sibéria e a ilha de Java é de alguns milhares de quilómetros.

No decurso das suas longas migrações sobretudo nomeadamente sobre o mar, as aves fatigam-se muito. Quando atingem um alto grau de cansaço, e, quando quase sem forças, estão na eminência de cairem ao mar, e morrerem afogadas, e que não é raro, as aves vão pousar sobre o quer que seja. Diz-se que muitas aves de pequeno porte podem ser levadas por aves de maior porte, cavalgando-as, certamente em parte metidas debaixo das penas da cobertura dorsal.

Há algumas observações de tais factos que, se não permitem considerá-las processo normal de transporte migratório, não são sem qualquer dúvida, casos de extrema raridade.

Mas grande sorte é para as aves em migração sobre o mar encontrarem um navio no seu caminho.

As aves então vão pousar nas vergas, cordames e superestruturas dos navios.

Têm-se visto pousar sobre navios em marcha, grandes bandos de aves migradoras que neles permanecem algumas horas, sobretudo se o rumo do navio coincide com a sua rota migratória.

*

Numa viagem para Luanda em Outubro de 1969 a bordo do navio ANGOLA, tive o ensejo de observar aves migradoras que, pousadas na superestrutura do navio, esvoaçavam de baleeira para baleeira, de gradeamento para gradeamento, e que inclusivamente pousaram no tombadilho.

O navio saiu de Lisboa no dia 5 de Outubro de 1969 às 21 horas.

No dia seguinte, 6 de Outubro, a caminho da Madeira, pelas 11 horas e meia vi no navio, esvoaçando de lado para lado, um tralhão, *Ficedula hypoleuca*, e uma felosa ou papa moscas *Phyllos-*

⁽¹⁾ — Igor Akimouchkine, Où et comment, Editions MIR, Moscou, 1968, pág. 51-52.

copus trochilus, que, de binóculo, pude observar socegadamente a 15 e 20 m de distância.

Na mesma altura vi duas rolas *Streptopelia turtur* que voaram para o navio e foram pousar na plataforma que tapava a maior parte da chaminé.

Na altura em que vi estas aves, eram como disse, 11 horas e meia.

Informações fornecidas pela ponte de comando do navio davam a situação deste sensivelmente a meio caminho de Lisboa ao arquipélago da Madeira ou, com precisão, a 240 milhas do Cabo de S. Vicente, ou sejam 444 km, e a 235 milhas da Ilha de Porto Santo, ou sejam 435 km⁽¹⁾.

As rolas ainda foram vistas até à meia tarde.

Para o fim da tarde não voltei avê-las, sem contudo saber se teriam deixado o navio ou se estariam pousadas dentro de alguma baleeira ou agachadas em qualquer recanto.

O tralhão e a felosinha, ou papa moscas, é que os vi até ao fim da tarde.

Na manhã seguinte chegamos à baía do Funchal pelas 6 horas e meia.

Amanhecia. Pesquizei a parte alta do navio e não mais vi estas duas aves.

É de admitir que, a menos que tenham voado do navio durante a noite, o que não é provável, o tivessem deixado de madrugada, quando o navio passou ao lado da ilha de Porto Santo, ou quando o navio chegou à vista da Madeira.

No dia 8 de Outubro, o companheiro de bordo, trasmontano de Freixo de Espada-à-Cinta e caçador, Ten.-Coronel Aviador Sr. Manuel Fernando Morais Duarte, viu a bordo uma rola, que viu com segurança ser uma *Streptopelia turtur*.

Estavamos a 93 milhas (172 km) de Tenerife. A distância à costa de África, Cabo Verde, eram 150 milhas (278 km).

⁽¹⁾ Ao comandante do navio «Angola», Sr. Pedro Vilhena e Vasconcelos, pelas indicações fornecidas quanto à posição do navio nos dias e horas referidos, bem como por todas as atenções que gentilmente nos concedeu, aproveito o ensejo de testemunhar o meu agradecimento.

Tínhamos passado umas 20 a 25 milhas (cerca de 40 km) a leste da Selvagem Grande.

Pode admitir-se que esta rola voando da Europa para a África, tivesse desviado a sua trajectória para o ocidente sobre o mar, e que, por encontro fortuito com a rota do navio, viesse pousar nele, para após o descanso necessário retomar o vôo.

Pode também admitir-se que a rola tenha vindo da Selvagem Grande onde quinze dias antes, de 21 a 24 de Setembro, anilhamos 3000 cagarras.

Ali vimos também algumas rolas que foram computadas entre 15 a 20.

A hipótese desta rola vista a bordo ter vindo da Selvagem é menos provável que a anterior. É que as aves terrestres migradoras que, por qualquer circunstância forem parar à Selvagem Grande, onde não há água, ou prosseguem no vôo, após algumas horas de descanso, ou permanecem, e terminam por morrer à fome e à sede. Ali deparamos com várias aves mortas. No dia 23 de Setembro vi duas rolas voarem até à beira mar na baía das cagarras e beberem água salgada! No mesmo dia uma rola, foi apanhada à mão, por tão fraquinha que estava já mal poder voar. Tinha o papo completamente vazio à palpação. Ainda se lhe fez engulir alguns grãos de trigo e se lhe deu água doce. De nada valeu. Morreu em pouco mais de meia hora após ter sido agarrada.

Nos navios é frequente pousarem aves em migração.

Os casos que referimos vêm juntar-se a tantos outros que têm sido observados, muitos sem a indicação precisa das espécies e não publicados.

Seria interessante que na quadra das migrações os navios no tombadilho cimeiro tivessem comida e um ou mais baldes com água doce, para que as aves terrestres que neles por acaso viessem pousar, pudessem matar a sede e, após o necessário descanso, continuarem a voar para os seus quartéis de inverno.



No dia seguinte, 9 de Outubro de tarde viram-se no navio 2 felosinhos ou papa moscas. Procurei-os insistenteamente até que

pelas 17 h., vi um deles *Phylloscopus trochilus*, dentro duma baleeira saltitando de lado para lado bicando aqui e ali, apanhando alguma mosquinha. Vi depois o outro que me pareceu mais pequenino e mais esguio. Nunca o consegui observar à vontade, dado o seu irrequietismo saltitante, esvoaçando de lado para lado.

No entanto ficou-me a impressão de que as patas eram um tanto escuras e como este carácter é habitual no *Phylloscopus collybita* é de crer que pertencesse a esta espécie.

Há anos que venho estudando, de modo especial, estas duas espécies de *Phylloscopus*, que em média pesam 9 gr.

Sabendo-se que uma carta paga o porte de um escudo até ao peso de 20 gr. pode fazer-se uma ideia da leveza destas pequeninas, graciosas e utilíssimas aves, dada a quantidade de insectos que devoram em cada dia.

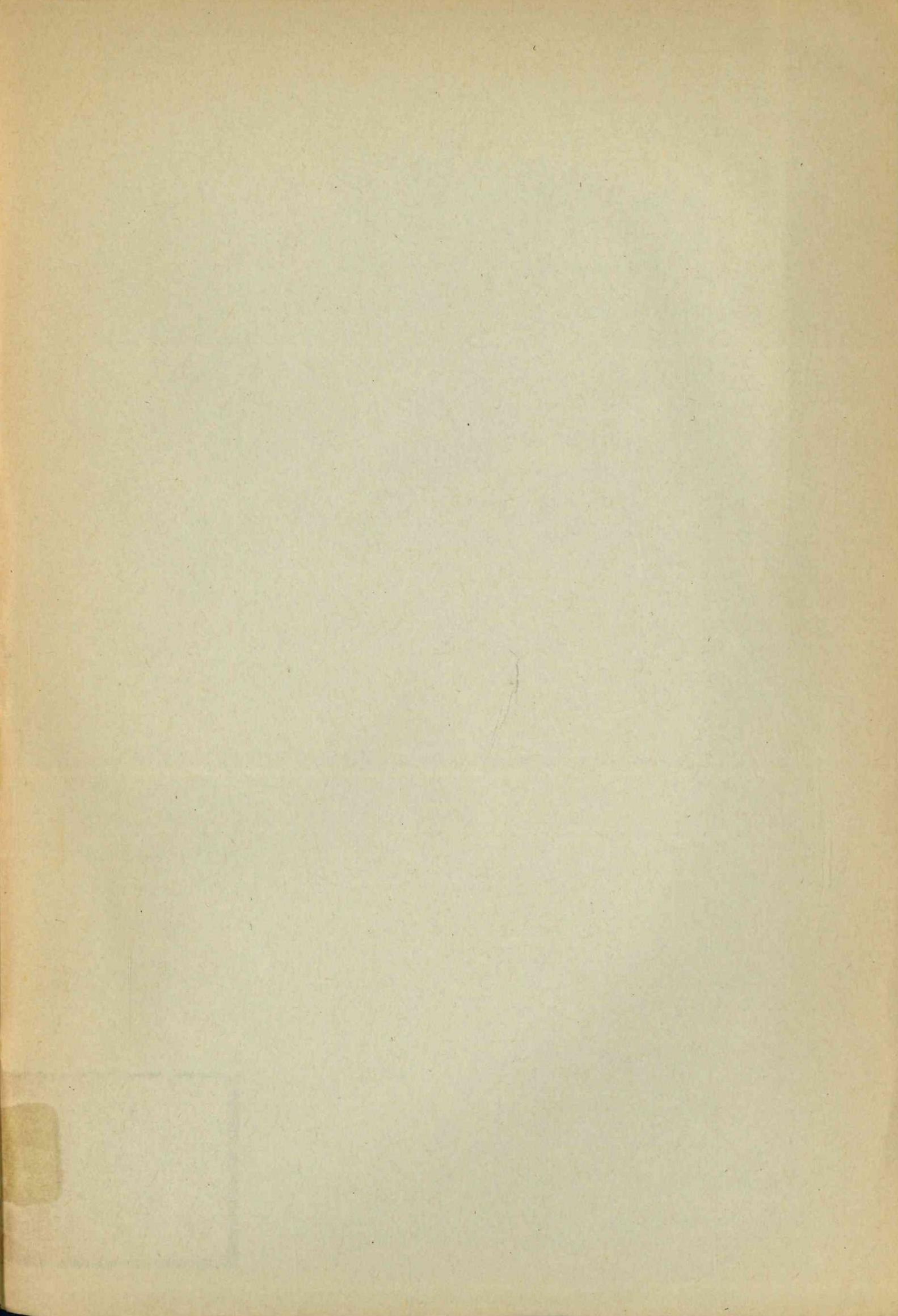
Em experiências feitas na estação ornitológica russa de Zvénigorod adestrita à Universidade de Moscovo, o *Phylloscopus collybita*, de 9 gr. de peso, em cativeiro e em 24 horas, comeu 17 gr. de larvas de formigas. Quase duas vezes o seu peso! A actividade muscular que entra em jogo no vôo é grande consumidora de inergia; a maior parte da alimentação é utilizada para satisfazer os gastos de inergia mecânica.

Sabendo-se que uma ave em liberdade é muito mais activa do que em cativeiro, e portanto a quantidade de alimento em tais condições deve ser bem maior, pode ajuizar-se quão benéficos são os pequeninos *Phylloscopus*. Tudo quanto se faça para proteger estas felosinhas ou papa moscas terá ampla compensação pela enorme quantidade de insectos destruidos por estas utilíssimas avezinhas. Princípio que se pode estender a um grande número de aves.

Com a colocação no tombadilho cimeiro dos navios de um ou mais baldes ou outras pequenas vasilhas com água doce, as aves em migração, que viesssem pousar no navio, podiam matar a sede e, após o necessário descanso, continuarem o vôo para os seus quartéis de inverno.

Luanda — Janeiro de 1970.

COMPOSTO E IMPRESSO NA EMPRESA INDUSTRIAL GRÁFICA DO PORTO, LDA.
EDIÇÕES «MARÂNUS» • PRAÇA DA REPÚBLICA, 57 • TELEFONE 20504



biblioteca
municipal
barcelos



54890

Os navios em navegação nos
mares auxiliares presti

(
5
S